



A REVOLUÇÃO NOS MÉDIA

COORDENAÇÃO

Maria Inácia Rezola

Pedro Marques Gomes

TEXTOS DE

Francisco Pinheiro

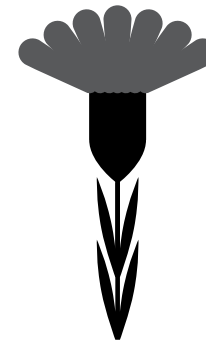
João Figueira

Marco Gomes

Maria Inácia Rezola

Paula Borges Santos

Pedro Marques Gomes



LISBOA

TINTA-DA-CHINA

MMXIV

ÍNDICE

© 2014, autores e
Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *A Revolução nos Média*
Coordenação: Maria Inácia Rezola e Pedro Marques Gomes
Autores: João Figueira, Francisco Pinheiro, Marco Gomes,
Maria Inácia Rezola, Paula Borges Santos,
Pedro Marques Gomes
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Junho de 2014
ISBN 978-989-671-219-8
Depósito Legal n.º 376173/14

- 7 Introdução

- 17 A RTP no PREC (1974-1975):
«Sem recuos nem tibiezas em ordem à limpeza radical»
Maria Inácia Rezola

- 53 Caso *República*. A morte de um jornal cansado de lutar
João Figueira

- 79 O semanário *O Jornal*:
um sonho de jornalistas num país em revolução
Pedro Marques Gomes

- 113 A revolução e o conflito em torno da
rádio Renascença: a emissora católica na definição
política do novo regime (1974-1975)
Paula Borges Santos

- 137 «Mãos lavadas» – Uma ideia de jornalismo
desportivo no período revolucionário
Francisco Pinheiro

- 161 A imprensa na Revolução de Abril: refundar o quotidiano,
estimular a crença e renovar o visualismo político
Marco Gomes

- 195 Siglas
- 197 Notas Biográficas

INTRODUÇÃO

Quatro décadas após o golpe militar de 25 de Abril de 1974, a revolução portuguesa continua a despertar grande interesse enquanto objecto histórico. Para tal contribuem factores diversos, de que destacariamos a abertura de arquivos com documentação fundamental sobre o tema, a divulgação de novos testemunhos de protagonistas e, ainda, o facto de o mito da falta de distanciamento em relação ao período se ir progressivamente dissipando. Assim, na sequência dos trabalhos pioneiros de autores como José Medeiros Ferreira, António Reis, Kenneth Maxwell ou Josep Sánchez Cervelló, vemos emergir uma nova geração de investigadores que, com o seu olhar crítico, têm contribuído para um melhor conhecimento do Portugal revolucionário.

Na profusão de obras que, neste contexto, têm sido produzidas, a ideia de que os meios de comunicação social constituem uma peça importante nas lutas políticas e nas transformações que então se operam é sucessivamente



Manchete do jornal *A Capital*, 25 de Abril de 1974.

repetida. No entanto, esta e outras hipóteses interpretativas, formuladas nos estudos sobre o período, carecem ainda de melhor fundamentação e aprofundamento. Apesar do desenvolvimento que conheceu nos últimos anos, o número de estudos que apresentam os média como objecto central de análise é ainda relativamente restrito, permanecendo pouco conhecidas muitas das mudanças ocorridas no sector.

Percursor dos estudos sobre os média no processo revolucionário, Mário Mesquita destaca a «obsessão», que logo após o derrube da ditadura o novo poder demonstrou, pelo domínio da comunicação social, assistindo-se então a uma disputa entre «governantes inexperientes, divididos entre si e (mais ou menos) temerosos das energias populares», «partidos recém-criados sequiosos de acesso à opinião pública» e «militares experimentados em campanhas de 'acção psicológica' nas colónias»¹. Ainda que o novo regime tenha imediatamente abolido a censura e o exame prévio, que vigorava no país há mais de 40 anos, e que uma das medidas mais aclamadas do Programa do Movimento das Forças Armadas tenha sido a consagração da liberdade de expressão e pensamento, rapidamente são criados novos sistemas de controlo da comunicação social.

Logo em Junho, é nomeada uma Comissão *AdHoc* para Controle da Imprensa, Rádio, Televisão, Teatro e Cinema. Integrando apenas militares, o seu objectivo principal era o de salvaguardar os segredos militares e evitar perturbações na opinião pública, podendo, em caso de infracção, aplicar multas e suspensões aos órgãos de comunicação social, até à aprovação da Lei de Imprensa. Mais tarde, em pleno «Verão Quente» de 1975, surgem novos projectos de

SAID, Edward W. (1995), *Orientalism*. London, Penguin Books.

TRAQUINA, Nelson (2004), *A Tribo Jornalística. Uma Comunidade Transnacional*. Lisboa, Editorial Notícias.

ARQUIVOS E FUNDOS DOCUMENTAIS

Biblioteca Comunale Sormani (Milão)

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Biblioteca Nazionale Braidense (Milão)

Biblioteca Nazionale di Firenze

Biblioteca Nazionale di Roma

Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra

Hemeroteca Municipal de Coimbra – Casa da Cultura

SIGLAS

CCT	Comissão Coordenadora de Trabalhadores	195
CDS	Centro Democrático Social	
CEP	Conferência Episcopal Portuguesa	
CIP	Confederação da Indústria Portuguesa	
COPCON	Comando Operacional do Continente	
CPE	Conselho Permanente do Episcopado	
CPS	Cristãos pelo Socialismo	
CR	Conselho da Revolução	
CSR	Comissão de Saneamento e Reclassificação	
EPAM	Escola Prática de Administração Militar	
FEC(M-L)	Frente Eleitoral de Comunistas (Marxista-Leninista)	
JSN	Junta de Salvação Nacional	
LUAR	Liga de União e de Acção Revolucionária	
MDP	Movimento Democrático Português	
MES	Movimento de Esquerda Socialista	
MFA	Movimento das Forças Armadas	
MRPP	Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado	
OGMA	Oficinas Gerais de Material Aeronáutico	
ORPC(M-L)	Organização para a Reconstrução do Partido Comunista (Marxista-Leninista)	

- PAP Plano de Acção Política
 PCP Partido Comunista Português
 PDC Partido da Democracia Cristã
 PPD Partido Popular Democrático
 PPM Partido Popular Monárquico
 PREC Processo Revolucionário em Curso
 PRP(BR) Partido Revolucionário do Proletariado (Brigadas
 Revolucionárias)
 PS Partido Socialista
 RALIS Regimento de Artilharia Ligeira de Lisboa
 RCP Rádio Clube Português
 RIOQ Regimento de Infantaria Operacional de Queluz
 RR Rádio Renascença
 RTP Radiotelevisão Portuguesa
 SPTR Sindicato dos Profissionais das Telecomunicações e
 Radiodifusão
 UDP União Democrática Popular

NOTAS BIOGRÁFICAS

FRANCISCO PINHEIRO é doutorado em História pela Universidade de Évora. É investigador integrado no CEIS20 da Universidade de Coimbra, com bolsa de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), e investigador associado do Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL). Coordenador e membro fundador do Grupo História e Desporto (IHC/CEIS20), das suas publicações destacam-se *A Europa e Portugal na Imprensa Desportiva (1893-1945)* (MinervaCoimbra, 2006), *História da Imprensa Desportiva em Portugal* (Afrontamento, 2011) e *República, Desporto e Imprensa – O Desporto na I República em 100 Primeiras Páginas* (Afrontamento, 2012).

JOÃO FIGUEIRA é doutorando em Ciências da Comunicação e mestre em Comunicação e Jornalismo, pela Universidade de Coimbra, em cujo Departamento de Filosofia, Artes e Comunicação lecciona. É investigador no CEIS20 da Universidade de Coimbra. Foi jornalista durante 25 anos (1981-2006), a maioria dos quais ligado ao *Diário de Notícias*. É autor dos livros *Os Jornais como Actores Políticos: o Diário de Notícias, Expresso e Jornal Novo no Verão Quente de 1975*

(MinervaCoimbra, 2007); *Jornalismo em Liberdade* (Almedina, 2009) e *O Essencial sobre a Imprensa Portuguesa: 1974-2010* (Angelus Novus, 2012).

MARCO GOMES é mestre em História das Ideologias e Utopias Contemporâneas, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e bolseiro de doutoramento da FCT. É investigador do CEIS20 da Universidade de Coimbra. Especializou-se em História da Comunicação, Comunicação Política e Opinião Pública. É autor do livro *Comunicação Política na Revolução de Abril – 1974/1976* (MinervaCoimbra, 2009).

MARIA INÁCIA REZOLA é doutorada em História Institucional e Política Contemporânea pela FCSH-UNL e investigadora do Instituto de História Contemporânea da mesma instituição. Lecciona na Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa (ESCS-IPL). Das suas publicações destacam-se *O Sindicalismo Católico no Estado Novo* (Editorial Estampa, 1999); *Os Militares na Revolução de Abril* (Campo da Comunicação, 2006); *25 de Abril: Mitos de Uma Revolução* (Esfera dos Livros, 2007) e *Melo Antunes – Uma Biografia Política* (Âncora, 2012).

PAULA BORGES SANTOS é doutorada em História Contemporânea pela FCSH-UNL. Desenvolve actualmente, com o apoio da FCT, o seu projecto de pós-doutoramento. É investigadora do Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL e do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP). Publicou *Igreja Católica, Estado e Sociedade (1968-1975): o caso Rádio Renascença* (ICS, 2005), distinguido com o Prémio Fundação Mário Soares (2004), e *A Questão Religiosa no Parlamento (1935-1974)* (Assembleia da República, 2011).

PEDRO MARQUES GOMES é doutorando em História Contemporânea na FCSH-UNL. Mestre em Jornalismo pela ESCS-IPL. É investigador do Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL, tendo participado no projecto *Justiça Política na Transição para a Democracia em Portugal* (PTDC/HIS-HIS/103286/2008), financiado pela FCT. Publicou *Os Saneamentos Políticos no Diário de Notícias no Verão Quente de 1975* (Alêtheia, 2014).



A REVOLUÇÃO
NOS MÉDIA
foi composto em caracteres
Hoefler Text e Archer Pro
e impresso pela Rainho&Neves,
Artes Gráficas, sobre papel
Coral Book de 80 gramas,
em Maio de 2014.